

Propósito, princípio e mudança na educação adventista

Por que as escolas adventistas atuais diferem tão dramaticamente das primeiras escolas?



Formatura de Enfermagem, 1934, Faculdade de Médicos Evangelistas, Loma Linda, Califórnia.

Enquanto escrevia o livro *In Passion for the World: A History of Seventh-day Adventist Education* (Pacific Press, 2005), duas questões vieram à minha mente, repetidas vezes: (1) Por que as escolas adventistas atuais diferem tão dramaticamente das primeiras escolas, e (2) Qual tem sido a natureza das mudanças na educação adventista? Explicações aparecem em todos os capítulos conforme a organização do livro exigiu, mas esse artigo ligará essas idéias com comentários adicionais.

Uma das marcas de identificação mais conhecidas da educação adventista do sétimo dia é a declaração, freqüentemente citada, que a descreve como um processo de três partes que inclui o aspecto mental, físico e espiritual do ser humano. Essa marca de referência se ramifica do

conselho de Ellen White em 1872, aos educadores adventistas intitulado “Educação Apropriada”, seu primeiro texto sobre educação. O currículo deve beneficiar o corpo bem como a mente, ela escreveu, e as escolas adventistas devem existir para redimir pessoas. Os adventistas vêem seu empreendimento na educação como sendo distinto porque enfatiza essa tríade de valores – mental, físico e espiritual. Essas três palavras tornaram-se um slogan que apareceu de várias formas, por gerações, nos logos das escolas adventistas e nas palavras de abertura de catálogos institucionais.¹

Trabalho manual e educação redentora

A ênfase na educação do físico tornou-se uma marca peculiar e uma tradição em si mesma. Originalmente, o termo significava trabalho manual útil. Os alunos deveriam adquirir habilidades em trabalhos domésticos e várias ocupações que os habilitariam a administrar o lar com êxito e a possivelmente conseguir trabalhos lucrativos, caso suas aspirações profissionais não se materializassem. Na década de 1870, a agricultura era o campo de trabalho mais evidente, mas habilidades práticas também estavam na agenda. Ellen White rejeitou alegações de que os alunos prejudicariam suas chances de sucesso acadêmico se o dia escolar

Floyd Greenleaf

fosse dividido entre trabalhos acadêmicos e manuais. Ao contrário, declarou que estariam à frente porque o exercício adquirido com o trabalho beneficiaria tanto a mente como o corpo.

As mudanças que ocorreram na abordagem tradicional da igreja em relação à educação física têm produzido controvérsias em alguns lugares. Críticos dizem que escolas adventistas pós-secundárias são mais propensas a declarar seu status de universidade do que sua tripla virtude de educar a mente, o corpo e o espírito. Escolas secundárias ou faculdades também já não ofereceram mais amplas oportunidades aos alunos de ocupar-se em trabalhos físicos. A aura sagrada do trabalho estudantil se foi; os críticos alegam que foi substituída por aulas de conhecimento superficial, por condescendência, descritas como “vocacionais” das quais os alunos escolhem uma ou duas como um gesto simbólico. A educação adventista perdeu sua identidade e sua santidade!

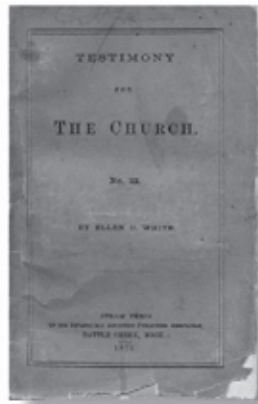
Mas, vamos com calma. Inquestionavelmente, mudanças ocorreram desde que a “Educação Apropriada” apareceu. Uma breve comparação entre a educação nos séculos 19 e 21 nos ajudará a entender essas mudanças. Durante a maior parte do século 19, o ensino fundamental transmitiu aos alunos um comando de habilidades básicas e conhecimento geral que a maior parte das pessoas acreditava ser suficiente para a pessoa em geral – é por isso que era chamada de educação primária. O ensino médio não era muito difundido. Sua forma mais importante antes de 1860 era a academia particular que servia os níveis sociais mais elevados no Norte. A idéia do ensino médio no sistema público tornou-se popular nos Estados Unidos somente depois de 1880.

Os cursos superiores no século 19 eram baseados em clássicos antigos. Ao invés da preparação para uma profissão, esses cursos representavam uma credencial cultural. O que o século 21 chama de educação profissional era então chamado de treino ou aprendizado vocacional, e não era considerada uma educação universitária “genuína” na época.

Em resumo, no nível fundamental, o objetivo da educação era preparar o povo adequadamente para viver uma vida medíocre; no ensino médio, academias de elite e escolas particulares condicionavam pessoas a serem bem-educadas; e no nível superior, a educação procurava formar as pessoas nas origens da cultura ocidental.

Ellen White considerava essa filosofia

Qual tem sido a natureza das mudanças na educação adventista?



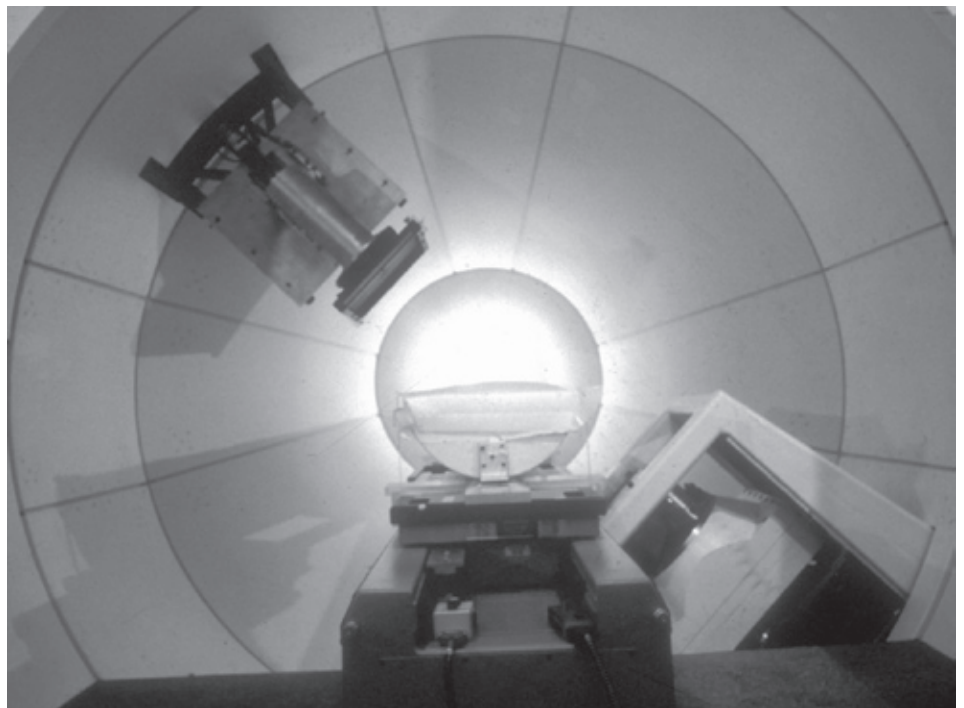
O primeiro testemunho de Ellen White sobre a educação apareceu neste panfleto de 1872.

de educação muito limitada e tentou mudá-la. A missão das escolas adventistas não era apenas dar aos alunos práticas educacionais para a vida no mundo presente, mas também prepará-los espiritualmente para a vida no mundo por vir – e treinar obreiros para a igreja que pudessem pregar a “toda nação, tribo, língua e povo” a eminência daquele mundo eterno.

Por definição, a educação adventista acima do nível fundamental era pragmática porque preparava os alunos para carreiras profissionais. Filosoficamente, as escolas adventistas diferenciavam-se nitidamente de suas correlativas seculares porque trocavam a filosofia dos clássicos antigos por explanações bíblicas sobre origem e significado da vida humana.

Ellen White considerava a educação adventista como uma educação *redentora*, o que elevava a carreira educacional e o trabalho estudantil para a categoria de crença teológica. Não é exagero dizer que as palavras *mental*, *física* e *espiritual* usadas em relação à educação adventista adquiriram um significado quase bíblico, não equivalente à doutrina do sábado do sétimo dia, mas muito mais que um bom conselho.

Para que as escolas adventistas pudessem implementar o princípio do trabalho significativo, deveriam ser localizadas na zona rural com uma área suficiente para acomodar projetos agrícolas relativamente grandes. As fazendas eram edições do “outro livro-texto de Deus” onde os alunos aprendiam a conhecer o Criador através do produto de Seu trabalho. Horários escolares diários incluíam trabalho manual tanto para rapazes como moças. De um modo ideal, esse trabalho poderia produzir itens vendáveis que trariam



Contrastando o antigo com o novo: Na página 10, o sanatório de Loma Linda no início do século 20; acima, equipamento de terapia com raio de próton no Centro Médico de Loma Linda em 2006.



Os primeiros currículos escolares incluíam atribuições de trabalho para homens e mulheres, conforme representado nesta antiga fotografia do Union College.

***Os adventistas vêem seu
empreendimento na educação como
sendo distinto porque enfatiza essa
tríade de valores – mental, físico e
espiritual.***

dinheiro para a escola e ajudariam os alunos a custear suas despesas educacionais.

É de se duvidar que os alunos vissem as mulas teimosas e o turno das 4h da manhã na leiteria com o mesmo idealismo espiritual que os educadores davam ao plano de trabalho dos alunos, mas apesar disso a idéia era prática, e funcionava. O Avondale College, na Austrália, tornou-se um modelo em como incluir trabalho estudantil no currículo. O Oakwood College, nos Estados Unidos foi um monumento à virtude do trabalho estudantil. Meiktila Industrial Institute, na Birmânia (atual Mianmar), era um exemplo nacional para a educação técnica. Escolas adventistas ao redor do mundo freqüentemente colocavam as palavras *industrial*, *agrícola* ou *vocacional* em seus nomes, não porque era sua ênfase primária, mas porque seus currículos incluíam esse tipo de educação além das atividades acadêmicas. Em alguns lugares,

essa educação era uma inovação, mas muitas pessoas zelosas vieram a respeitar os valores que ela representava.²

Em alguns aspectos, Ellen White estava no mesmo passo das mudanças na educação americana durante a última metade do século 19. As universidades americanas já estavam experimentando a educação prática. Quando o Congresso Americano proveu terra e fundos por meio da legislação em 1862 (10 anos antes do texto “Educação Apropriada”) e novamente em 1887, a educação prática a nível superior veio para ficar. O efeito desejado era democratizar a educação superior mudando da imersão nos clássicos – um símbolo do status elitista e esotérico – para um canal aberto ao mundo do trabalho.

Provavelmente, a avaliação mais crucial da educação do século 21 é como ela efetivamente prepara os alunos para o emprego. Apesar de pedidos de mais cursos na área de artes-liberais em vez de tecnologia e ciência, a sociedade tende a ver a freqüência escolar além do ensino médio como um desperdício de tempo e dinheiro se ela não resultar num emprego. Escolas e alunos adventistas não são exceções. Já não é necessário estimular educadores adventistas a projetar um currículo prático. Sendo que o sucesso acadêmico de uma universidade depende de sua habilidade de graduar candidatos competentes para o trabalho, as aulas devem enriquecer o preparo dos alunos para o emprego, caso contrário não ingressarão no sistema. O

mundo empregatício tem controlado a educação superior, talvez de um modo mais enfático do que Ellen White esperava.

***O impacto de trabalho organizado,
urbanização, e prosperidade***

Em muitos lugares, várias influências se uniram para remover o trabalho manual dos campi adventistas. Embora tentativas tenham sido feitas no século 19 para impedir o trabalho infantil em muitos países ocidentais, não foi até algumas décadas depois que progressos significativos ocorreram nessa área. Nos Estados Unidos, demorou até 1938 para o Congresso aprovar a Ata de Regulamentos de Trabalho Justo, a qual, entre outras coisas, restringia o número de horas que crianças e adolescentes podiam trabalhar, prescrevia o salário mínimo, e proibia menores de operar máquinas agrícolas e industriais perigosas. O propósito da reforma do trabalho infantil era prevenir a exploração de menores, mas exceções permitiam que pais e escolas empregassem adolescentes sob condições regularizadas. Devido à idade, a maioria dos universitários não foi afetada pela lei, e escolas adventistas secundárias puderam manter os programas de trabalho através da qualificação sob as isenções.

Mas os problemas continuaram. Enquanto essa reforma ganhava força, o trabalho organizado, que também estava ganhando poder, questionava o trabalho estudantil. Os salários nas indústrias escolares eram baixos porque os alunos es-

tavam aprendendo um ofício, e os empregadores não precisavam prover a eles os mesmos benefícios como os dos trabalhadores em período integral. Assim, alegava-se que os artigos vendáveis das escolas eram produtos de competição injusta.

Durante a década de 1930, alguns líderes da igreja começaram a duvidar da viabilidade de indústrias escolares. As dúvidas estavam mais relacionadas às escolas de ensino médio do que universidades, mas em ambos os níveis, administradores escolares sentiram que estava ficando cada vez mais difícil operar empresas lucrativas com a mão-de-obra de funcionários em meio período. Até que os alunos aprendessem bem um ofício manual ou mesmo habilidades agrícolas, o suficiente para serem realmente produtivos, já haviam se formado e deixado o grupo de funcionários. Os supervisores de trabalho estavam constantemente treinando alunos sem nunca atingir uma equipe de trabalho completa e competente. Podiam alegar sobre o trabalho organizado que embora a mão-de-obra estudantil fosse barata, era também ineficiente, o que com o tempo a tornava cara.

A urbanização intensificou nas décadas depois da Segunda Guerra Mundial. Em 1900, cerca de 15 por cento ou menos da população do mundo era urbana; até 1950, o número cresceu para 30 por cento; e até o ano 2000, ultrapassou 45 por cento. Em países economicamente desenvolvidos, o setor urbano incluía aproximadamente três de cada quatro pessoas. Para sobreviver, essas concentrações humanas não podiam confiar em suas habilidades agrônomas ou na fabricação de móveis, vassouras ou outros artigos domésticos; em vez disso,



Ellen G. White

dependiam da indústria de produção alimentícia comercializada e em um sistema sofisticado de produção em massa para suprir suas necessidades.³

Em poucas décadas, a maioria das pessoas nos países desenvolvidos se tornou consumidora em vez de produtora. Por causa da relevância, ensinar alunos a lidar com questões da vida urbana substituiu o treinamento em habilidades da vida no campo. Na sociedade pós 1950, as fazendas se tornaram um grande negócio, e escolas na fazenda se tornaram um anacronismo. As escolas também descobriram que tornar suas indústrias produtivas e competitivas era mais do que os bolsos institucionais podiam tolerar.

Devemos sempre ter em mente que o propósito da educação adventista era treinar profissionais para administrar e servir

Filosoficamente, as escolas

adventistas diferenciavam-se

nitidamente de suas correlativas

seculares porque trocavam a

filosofia dos clássicos antigos por

explicações bíblicas sobre origem e

significado da vida humana.

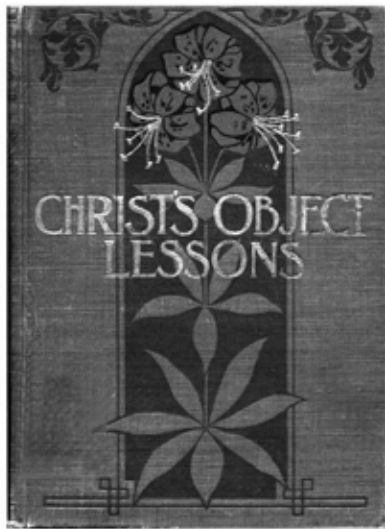
a igreja, não para preparar trabalhadores agrícolas e industriais. O lado prático da educação era prover exercício através de trabalho útil que também treinaria os alunos em habilidades domésticas e empregatícias, e os proveria com os meios para ganhar o sustento com as mãos, caso suas carreiras profissionais não dessem certo. Quando os adventistas começaram suas escolas, tudo isso em grande parte se referia a uma vida agrícola, pois a maioria das pessoas vivia em fazendas.

Mas a nova economia não era agrícola. Os educadores adventistas no mundo urbanizado não negavam que a natureza era o outro livro-texto de Deus; no entanto, não podiam garantir que a maioria dos alunos moraria em fazendas ou encontraria emprego na agricultura. A viabilidade e a relevância eram conceitos-chave defendidos pelos fundadores da filosofia da educação adventista, e para se manter dentro desses princípios o sistema educacional da igreja foi adaptado. Tornou-se imprescindível ensinar os alunos a administrar a renda pessoal recebida semanal ou mensalmente, para adquirir bens domésticos em uma sociedade consumista, para manter automóveis em vez de cavalos e charretes, para criar agendas pessoais que incluíssem horas de lazer por causa da saúde e assim por diante.

Além disso, uma história de debilitantes dívidas institucionais conspirou contra a prosperidade após a Segunda Guerra Mundial e aumentou os custos da educação para ameaçar os programas de trabalho estudantil. Apesar de suas virtudes, as escolas adventistas contraíram dívidas



Professores e alunos do Foreign Missionary Seminary em Takoma Park, Maryland entre 1907 e 1914.



Ellen White considerava a educação adventista como uma educação redentora, o que elevava a carreira educacional e o trabalho estudantil para a categoria de crença teológica.

quase crônicas depois de Battle Creek. Na virada daquele século, Ellen White doou os lucros da venda do livro *Parábolas de Jesus* para ajudar a liquidar as dívidas da escola. Ao perceber que sua oferta apenas aliviaria o problema em vez de resolvê-lo, emitiu uma ordem que líderes da igreja e administradores escolares revisassem seus regulamentos financeiros para evitar dívidas.

Foi apenas depois da Grande Depressão que as escolas finalmente depuseram seus pesados fardos financeiros, entrando na era pós Segunda Guerra Mundial quase que livres de dívidas. Mas a urbanização e a nova prosperidade resultaram no custo cada vez mais elevado da educação e alteraram a estrutura da sociedade. Algumas décadas depois da guerra, a sentença estava determinada.

Administradores escolares poderiam continuar operando fazendas e indústrias antiquadas que se haviam tornado um fardo em vez de um bem, ou poderiam adotar novos regulamentos. Em vez de arriscar reversões financeiras que ameaçavam levá-los de volta à desolação econômica da era anterior, muitas escolas fecharam suas fazendas e indústrias. A prática de alunos “trabalharem para estudar” existente havia muito tempo se tornou uma coisa do passado, um acidente para os novos tempos econômicos. Os empréstimos facilitaram a frequência à universidade para muitos alunos que não tinham condições de estudar. O resultado foi uma fonte de renda garantida para a escola, mas os alunos agora compartilhavam do fardo das dívidas.

Um dos primeiros presságios do declínio do trabalho estudantil foi uma reforma

no horário de aulas. Décadas antes da Segunda Guerra Mundial, administradores acharam necessário espalhar as responsabilidades de ensino durante o dia inteiro para acomodar todos os alunos devido ao constante aumento nas matrículas. Os professores não podiam imitar o modelo original de dar aulas durante um período e supervisionar um pequeno grupo na parte da tarde porque existiam muitos alunos para serem organizados em pequenos grupos. Esperar que os professores supervisionassem o trabalho durante um período de cada dia exigiria que as escolas aumentassem o número de professores a níveis muitíssimo dispendiosos. Depois de 1950, a situação se tornou mais complicada conforme as escolas passaram a ter que oferecer uma grande variedade de matérias e cursos para satisfazer requerimentos mais exigentes de graduação.

A educação física desenvolveu novas dimensões – ajudar a educar futuros profissionais a usar seus momentos de lazer e a permanecer fisicamente aptos em um mundo onde o trabalho manual já não era uma atividade primária para um número cada vez maior de pessoas. Naturalmente muitas pessoas ainda trabalhavam arduamente, tais como os que atuavam em ofícios manuais e mão-de-obra não especializada. Mas as universidades em geral, bem como as escolas adventistas, estavam educando profissionais em vez de negociantes habilidosos. As escolas começaram a enfatizar um estilo de vida saudável do ponto de vista da nutrição e do exercício elaborado. O ginásio e o campo de atletismo desempenharam funções mais importantes na vida de um número maior de alunos, não porque desgostavam do trabalho manual mas porque uma abordagem diferente ao bem-estar físico era necessária em uma sociedade mutante.

Escolas urbanas

Ellen White advertiu que onde existisse pelo menos meia dúzia de alunos, a igreja deveria prover uma escola. Sem dúvida, as escolas adventistas deveriam seguir a expansão da igreja. O resultado foi escolas que serviam a congregações ou a uma comunidade institucional. Frequentemente, essas escolas em regime de externato ofereciam tanto o ensino fundamental como o médio. Isso permitia que as famílias adventistas mantivessem seus filhos em casa em vez de incorrer na despesa de enviá-los a escolas internas na zona rural.

Em alguns casos, as escolas urbanas tornaram-se um campo de treinamento para os funcionários. Tais escolas tinham



As escolas de fazenda eram importantes fontes de renda para as primeiras instituições educacionais adventistas.



Battle Creek Medical and Surgical Sanitarium, Battle Creek, Michigan.

Battle Creek College, Battle Creek, Michigan.



Por causa da relevância, ensinar alunos a lidar com questões da vida urbana substituiu o treinamento em habilidades da vida no campo.

oportunidades mínimas de incorporar o trabalho estudantil no currículo. Talvez o exemplo mais marcante tenha sido a escola preparatória que funcionava nas redondezas de Londres, Inglaterra, antes de se tornar o Newbold College. Sem dormitórios ou indústrias, não havia sido projetada do mesmo modo que as escolas adventistas tradicionais de treinamento. Os alunos passavam os domingos vendendo literatura nas ruas de Londres para pagar seus estudos. Depois, a instituição se mudou para o Stanborough Park, assumiu uma forma mais tipicamente denominacional com oportunidades limitadas de trabalho, mas ainda era uma escola urbana. No entanto, seus pastores em treinamento tinham acesso a uma meia dúzia de congregações em Londres, onde podiam adquirir experiência prática sob os vigilantes olhares de seus mentores.

O outro exemplo de escola com oportunidades limitadas de trabalho foi o Washington Foreign Missionary Seminary, que funcionou de 1907 a 1914 como a edição reciclada do Washington Training

College, em Takoma Park, Maryland. A maioria dos alunos era matriculada em cursos intensivos que deixavam pouco tempo para outras coisas. Outros exemplos foram algumas escolas de ensino médio em áreas municipais que tinham pouco ou nenhum espaço para projetos industriais e agrícolas.⁴

Apesar da grande importância que os adventistas colocavam no princípio do trabalho manual e da agricultura, as escolas denominacionais urbanas demonstraram que integrar o trabalho com os estudos não era uma regra absoluta para todas as instituições. As escolas urbanas podiam suprir necessidades específicas, dependendo das necessidades locais. Depois de W. C. White e sua mãe, Ellen White, participarem do Concílio Europeu em Basle, Suíça, em 1885, que considerou a organização e os métodos de evangelismo na Europa, ele escreveu que uma “escola urbana de treinamento missionário” era a forma apropriada de educação para preparar obreiros para a Inglaterra. Ele pediu que escolas similares fossem criadas em outras partes da Europa onde o evangelismo estava direcionado para a

população urbana.⁵

Credibilidade e reconhecimento

Toda essa questão se relaciona a outra pergunta: Por que as escolas adventistas são instituições secularmente reconhecidas, em vez de escolas bíblicas? Alguns críticos têm acusado o ensino superior adventista de perder sua simplicidade e pureza. A seu ver, por causa do reconhecimento oficial, os educadores estão mais focalizados nas realizações, conforme os padrões seculares, do que nos valores adventistas tradicionais. Se voltássemos a operar instituições simples, parecidas com as escolas da Bíblia, eles argumentam, a educação adventista poderia reconquistar seus ideais originais.

Quando o Battle Creek College foi aberto em 1874, Ellen e Tiago White acreditavam que cursos de curta duração eram adequados para preparar obreiros para a igreja, e insistiram com os administradores escolares para planejar os currículos desse modo. Uma persistente crença no iminente retorno de Cristo levou-os à conclusão de que cursos de ensino superior consumiam muito tempo



Newbold College, Inglaterra.



No início, Ellen White recomendou pequenos cursos para preparar funcionários para a igreja, inclusive funcionários na área médica.

e estavam carregados de uma bagagem acadêmica que enfraquecia a urgência de colocar obreiros treinados no campo.

Até o final do século, os conselhos de Ellen White começaram a mudar. As implicações do adventismo se tornar um movimento mundial estavam se aprofundando. Apesar dos adventistas crerem que a segunda vinda era *imminente*, perceberam também que as instituições denominacionais exigiam liderança profissional enquanto aguardavam o retorno de Cristo. Líderes da igreja, inclusive Ellen White, reconheceram que habilidades profissionais não poderiam ser adquiridas em alguns meses. Alunos se preparando para praticar medicina, por exemplo, não podiam mais continuar com um treinamento relativamente curto do tipo aprendizado, mas precisavam de uma experiência mais longa e organizada, combinando a parte acadêmica, estágios e residências.⁶

O conselho de Ellen White indica que ela reconheceu que essas novas condições eram um fato real, e por isso apoiou o plano denominacional de treinar doutores na área médica. Depois que o programa de medicina de Battle Creek fechou, ela disse aos líderes da igreja que fizessem o possível para estabelecer uma escola de medicina denominacional reconhecida oficialmente.⁷ As finanças eram uma grande preocupação, mas ela também estava ciente que os alunos teriam de gastar vários anos de sua vida envolvidos em estudo, a despeito da crença da igreja da iminente segunda vinda de Cristo. As despesas e o tempo não apenas valiam a pena, mas a profissão o exigia e

“a causa” precisava disso.⁸

Embora a necessidade de médicos na igreja fosse o fator de motivação em seu conselho, o princípio de que a educação profissional adventista deveria ser reconhecida e competitiva também foi importante. O impacto sobre a educação adventista foi profundo. Escolas denominacionais desde a primeira série tinham de ser boas o suficiente a fim de preparar alunos para adentrar o que rapidamente estava se tornando um dos campos de estudo e prática mais controlados acadêmica e profissionalmente.



Prédio administrativo, Loma Linda Sanitarium, entre 1911 e 1920.

Os alunos que se preparavam para outras profissões também enfrentaram períodos de treinamento cada vez mais longos e normas cada vez mais elevadas. A educação vocacional, inclusive a enfermagem, começou a se transformar em legítimos programas de faculdade. Durante o século após a decisão da igreja de estabelecer escolas médicas, a vida profissional em todo o mundo passou por uma revolução. A maioria das linhas de atividade humana exigia algum tipo de treinamento acadêmico e era controlada por agências governamentais ou profissionais. O reconhecimento de credenciais se tornou uma exigência para funcionários denominacionais – desde médicos em hospitais até profissionais que mantinham os prédios institucionais.

Ao mesmo tempo em que credenciais não garantem competência, é um método simples de identificar funcionários qualificados e oferecer proteção contra incompetência e fraude. Antes de pais e alunos investirem dezenas de milhares de dólares na educação adventista, eles têm o legítimo direito de saber que os professores são bem qualificados e podem cumprir o que os catálogos das escolas descrevem.

O princípio da credibilidade, protegido pelo reconhecimento, prevalece nas escolas adventistas, não como um fim em si mesmo, mas porque capacita a denominação a preparar profissionais para ministrarem ao mundo bem como à comunidade adventista. Capacita também os adventistas que escolherem trabalhar fora da obra a encontrarem emprego. Escolas não reconhecidas jamais poderiam produzir os profissionais que a igreja ne-

cessitava, uma vez que entrou no caminho do institucionalismo, o que em si mesmo foi um procedimento divinamente inspirado. É útil lembrar que as escolas denominacionais não foram o primeiro passo no institucionalismo adventista; ao contrário, as escolas foram estabelecidas em parte para servir as instituições existentes que expandiram exponencialmente suas operações desde que as escolas foram fundadas.

Antes de chegar a um acordo sobre o reconhecimento oficial, os líderes educacionais e os líderes da igreja estavam envolvidos em um debate por duas décadas. Dois terços de um século depois, alguns ainda discutem o assunto. Olhando para trás, precisamos nos lembrar que o reconhecimento do governo não era o ponto de fusão; ao contrário, foi o reconhecimento voluntário pelo mais poderoso sistema de reconhecimento nos Estados Unidos que provocou tal erupção. Quando alguns líderes da igreja, inclusive o presidente da Associação Geral, sugeriu fechar a escola de medicina em vez de se submeter ao reconhecimento, P. T. Magan, diretor do College of Medical Evangelists, salientou que se eles cumprissem aquela ameaça, o estabelecimento de saúde adventista eventualmente teria que confiar em médicos não instruídos nos ideais adventistas, exatamente a situação que a igreja tentava evitar operando sua própria escola de medicina!

Uma tensão natural na educação adventista

Mudanças que geraram alegações de uma perda de simplicidade originaram-se, em parte, da perpétua tensão entre os dois propósitos originais da educação adventista – reter os jovens da denominação e fornecer funcionários treinados para a igreja.⁹ Conforme a igreja cresceu e sua necessidade de uma variedade maior de funcionários academicamente preparados se expandiu, as escolas sentiram que era necessário oferecer um currículo mais amplo do que os líderes das primeiras instituições imaginaram.

A tendência de ampliar os horizontes acadêmicos adventistas também alimentou a crença de pais e alunos que escolheram as escolas da igreja como uma alternativa à educação secular. Eles queriam uma educação redentora desde o ensino fundamental até o nível pós-graduação. Onde mais, perguntaram, poderiam os alunos aprender melhor como aplicar os valores adventistas à profissão? Exigiram, porém,



P. T. Magan, um dos primeiros reitores do College of Medical Evangelists.

que a educação recebida deveria ser tão digna de confiança quanto os programas em outros lugares, bem como ser distintamente adventista.

Os educadores adventistas sempre enfrentaram um dilema ao tentar equilibrar os aspectos da “salvação” e do “preparo” de sua missão sem pôr em risco um dos dois. O que para alguns parece ser um sacrifício da simplicidade inicial, outros vêem como suprir as necessidades da população adventista em geral e alcançar os que não são da nossa fé. Diferenças de opinião são, portanto, inevitáveis, e pessoas com planos diferentes aceitarão soluções diferentes.

É necessário lembrar que as escolas

O lado prático da educação era prover exercício através de trabalho útil que também treinaria os alunos em habilidades domésticas e empregatícias, e os proveria com os meios para ganhar o sustento com as mãos, caso suas carreiras profissionais não dessem certo.

adventistas originais serviram a uma igreja que existia e à sua organização, e tinham que seguir a expansão da igreja. Mas as escolas também ajudaram a liderar a expansão da igreja. Cumprindo sua missão mundial, os líderes da igreja estabeleceram escolas como ferramentas evangelísticas em regiões sem nenhum adventista. Assim, o alvo original de salvar alunos passou a incluir a evangelização ou a conversão dos alunos para criar a população adventista. O termo *escola missionária* descreve mais adequadamente a função dessas escolas, cujos alunos matriculados são em sua maioria não adventistas e onde a educação adquire um sabor evangelístico. Devido aos elevados índices de analfabetismo no mundo em desenvolvimento, as primeiras escolas missionárias da igreja, tanto em sociedades cristãs como não cristãs, começaram com o treinamento em nível fundamental, usando um currículo adventista planejado para desenvolver a alfabetização, mas com o principal propósito de produzir conversões.

Com tempo, à medida que as expectativas educacionais aumentaram, algumas escolas missionárias se expandiram, tornando-se instituições de ensino superior. Tais escolas buscaram combinar os propósitos da educação adventista de converter, salvar e preparar, bem como servir tanto ao público em geral como à população adventista. Essas escolas diferiram do modelo original adventista devido ao grande número de alunos não adventistas matriculados, o que contrastou com o corpo de alunos predominantemente adventistas das escolas tradicionais de treinamento que se desenvolveram em instituições de ensino superior para produzir obreiros para a igreja. Essa situação é comum em países não-ocidentais e em desenvolvimento, mas algumas instituições em países desenvolvidos também matriculam um grande número de alunos não adventistas como no passado, porque a reputação adquirida por seu currículo selecionado, bem como os valores morais que abrangem, as tem tornado atrativas para os que buscam uma educação com essas características.

Colocando a mudança em perspectiva

Críticos acusam que algumas escolas missionárias têm intencionalmente buscado matricular alunos não adventistas para sobreviver, e que prestam pouca atenção aos ideais da educação adventista. Alegam ainda que a operação de tais escolas é incompatível com o preparo para o serviço da igreja, que deve ter prioridade na

educação denominacional. Um debate tem surgido com respeito às duas questões: Fazer propaganda de uma escola para o público enfraquece as funções educacionais tradicionais adventistas? E, servir ao público é compatível com ou antagônico aos propósitos de satisfazer as necessidades da igreja?

Não temos nenhuma fórmula para seguir ao tentar determinar os regulamentos institucionais em qualquer uma das situações precedentes; de fato, o propósito original da educação adventista não veio com instruções de implementação. A identidade da educação adventista deriva de seus propósitos. Manter essa identidade requer uma constante revisão, com oração, dos propósitos e princípios da educação adventista, associada a uma abordagem sensata a mudanças.

O padrão aceito na década de 1870 e para a primeira geração de escolas adventistas por toda parte era programas vocacionais concebidos e administrados de maneira limitada. Tal educação era de confiança e serviu bem ao propósito para o qual foi criada. Desde a década de 1870, quando os adventistas do sétimo dia começaram a operar escolas, a população da igreja, a estrutura administrativa denominacional, e as sociedades para as quais os adventistas ministravam se tornaram mais complexas. É natural que a educação denominacional também se tornasse mais complexa.

Uma fácil cilada para alguns críticos tem sido considerar todos os conselhos de Ellen White como imutáveis, mas mudanças no profissionalismo precipitaram mudanças na educação adventista, a qual ela apoiava. Uma leitura cuidadosa de suas declarações nas publicações “Educação Apropriada” (1872) e *Educação* (1903) revelam sua apreciação gradual da amplitude do assunto em geral. Por sua própria confissão, diferenças em conselhos e aplicação dos princípios eram inevitáveis à medida que novas condições se evoluíam. Na virada daquele século, ela escreveu: “Novos métodos e novos planos surgirão de novas circunstâncias.”¹⁰ Conforme mudanças ocorrem, o ponto crucial do problema, tanto para educadores como para críticos, é não confundir a forma da educação adventista com a sua essência.

Na verdade, a educação adventista mudou. Ao mesmo tempo em que à primeira vista parece ter se esquecido de princípios consagrados pelo tempo, os líderes educacionais ainda estão buscando maneiras para preparar o aluno moderno para a vida no século 21 e na eternidade.

Apesar da grande importância que os adventistas colocavam no princípio do trabalho manual e da agricultura, as escolas denominacionais urbanas demonstraram que integrar o trabalho com os estudos não era uma regra absoluta para todas as instituições.

Cento e trinta anos de educação adventista demonstram que as escolas podem atingir credibilidade e sucesso acadêmico sem sacrificar a espiritualidade. Uma conclusão fundamental parece óbvia: A mudança no modo de aplicar um princípio tem se tornado a única maneira de preservar o próprio princípio.

Floyd Greenleaf, Ph.D., professor aposentado de história da Southern Adventist University, Collegedale, Tennessee, E.U.A., é autor do livro *The Seventh-day Adventist Church in Latin America and the Caribbean* (Andrews University Press, 1992), e co-autor



do livro *Light Bearers: A History of the Seventh-day Adventist Church* (edição em inglês: Pacific Press, 2000; edição em espanhol produzida pela Divisão Interamericana e Sul-Americana, 2002). No ano passado, ele completou o livro *In Passion for the World: A History of Seventh-day Adventist Education* (Pacific Press) no qual este artigo foi baseado.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Ver *In Passion for the World* (Pacific Press, 2005), capítulos 1 e 2, para uma consideração sobre os primeiros conflitos com a questão do trabalho estudantil. Para adquirir estatísticas sobre quanta terra as escolas adventistas possuíam, verificar o *Relatório Estatístico Anual*, publicado anualmente pela Associação Geral.
2. Para mais detalhes sobre essas escolas, ver *In Passion for the World*, págs. 128-133, Avondale; págs. 59-62, Oakwood College; e págs. 187-191, Meiktila.
3. Uma das melhores fontes de informação sobre a urbanização é a publicação das Nações Unidas,

- World Urbanization Prospects*, edição de 1999.
4. Em *In Passion for the World*, as páginas 118-122 fornecem mais informação sobre o início do Newbold College, e as páginas 149-153 examinam o Washington Foreign Missionary Seminary.
 5. Ver W. C. White, “Colporteur Work in Europe” em *Historical Sketches of Foreign Missions*, págs. 275-279, edição *Adventist Classic Library*.
 6. Ellen White tinha conhecimento de primeira mão sobre os requerimentos da educação médica. De acordo com Arthur L. White, em abril de 1873, os dois filhos de Ellen, Edson e Willie, completaram um curso de seis meses no R. T. Trall Hygeo-Therapeutic College em New Jersey, obtendo o título de Doutor de Medicina com os “direitos, privilégios, e imunidades pertencentes à prática legalizada da medicina” (ver o volume II da biografia de Ellen White escrita por Arthur White, *The Progressive Years*, pág. 380). Para uma descrição curta porém exata da educação médica no século 19, ver Helen Clapsettle, *The Doctors Mayo* (Rochester, Minn.: Mayo Foundation for Medical Education & Research, edição de 1990), págs. 12, 13, 101-115.
 7. Para o relato da fundação da escola de medicina denominacional, ver *In Passion for the World*, págs. 72-76.
 8. *Ibidem*, capítulo 13, págs. 299-323, “Debate Over Accreditation”, provê mais informação sobre a questão do reconhecimento oficial.
 9. Ver *ibidem*, págs. 219, 301, 302, para considerações sobre a tensão entre os dois principais propósitos da educação adventista.
 10. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2005, 1ª edição), vol. 6, pág. 476.

Por que as escolas adventistas são instituições secularmente reconhecidas, em vez de escolas bíblicas?